

CRIANÇA NO LIXO, NUNCA MAIS - ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL NO LIXÃO DO MORRO DO CÉU.

Conceição Maria Guimarães e Silva – (cmges@bol.com.br)

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”

Antoine de Saint – Exupéry

Resumo:

Este trabalho surgiu como um desafio. Todos os dias produzimos uma quantidade imensa de lixo; mas eu nunca havia tido a curiosidade de saber para onde ele iria além do meu portão. Esta sempre foi à rotina... Quando o lixeiro passar, vai levá-lo; pronto, já fiz a minha parte. Mas um dia um convite me levou a conhecer uma realidade que jamais poderia imaginar. A alguns quilômetros de nossas residências havia uma realidade que até então eu só conhecia através de reportagens, principalmente quando relatavam a miséria de alguns países do Continente Africano.

Eu estava voltando ao mercado de trabalho após cinco longos anos de acompanhar uma enfermidade grave que acometera a minha filha. Com quinze anos, no ensino médio no Instituto Abel, uma febre sutil começa a debilitá-la; diagnóstico: Lúpus Eritematoso Sistêmico e aos dezenove anos ela foi sepultada. Após toda esta história, me ocupar, seria uma forma de começar um tratamento de superação. Havia uma Secretaria Municipal interessada em erradicar o trabalho infantil no lixão, mas a mão de obra para esta atividade estava difícil, a comunidade era muito violenta, ninguém queria correr o risco; não era nada fácil. Em novembro de 1999 fomos em grupo, ser apresentados aquela realidade.

Idosos, adultos, crianças, cachorros, porcos, urubus, tráfico de drogas... Todos dividiam o mesmo espaço. Sem falar na poluição e nas condições de trabalho insalubre. Alimentação... Os caminhões de grandes empresas descarregavam alimentos com as validades vencidas, e as pessoas ficavam com suas bolsas esperando para encher de alimentos, e fazer uso. Não dava para acreditar no que estava vendo! Alguns residiam dentro do lixão. Posso dizer que aquela era uma cultura de um povo “nômade”, eles mudavam de residência para sobreviver; de lixão em lixão, um dia após o outro. E um pensamento me ocorreu naquele momento: “como somos imaturos diante da vida”. Eu tentei entender o que não tinha explicação. Me afastei do grupo, e chorei. Ali, todos os meus valores foram revistos em alguns segundos: “ à minha filha, tinha tudo para viver, e morreu; com uma doença

autoimune; e aquelas crianças tinham tudo para morrer, e viviam (muitos de forma saudável).

Ali, diante de tudo o que estava vendo eu me perguntei: O que é a vida?

Aceitei desenvolver o trabalho!



Essas crianças precisavam estar, onde crianças devem estar. Em suas famílias, em sua escola, em um espaço de lazer... Este seria um grande desafio; afinal... O lugar era muito violento, e a lei, era do mais forte. Tudo seria muito difícil, mas não impossível.

No mês de janeiro do ano 2000, demos início ao trabalho.

Palavras-chaves: Educação, Criança, Respeito, Limites.

Introdução:

Chegamos ao Morro do Céu na primeira segunda-feira do mês de janeiro de 2000. Tudo o que tínhamos era uma grande disponibilidade profissional, educacional, e muito amor pelo o que escolhemos fazer, até mesmo humanamente falando. Trago comigo uma certeza de que, não nascemos por acaso, e que nada acontece por acaso. Acredito também, que pra tudo há um propósito embaixo do tempo, e por isso, perder tempo, pode significar não cumprir o seu propósito, que no caso seria: erradicar naquele lixão o trabalho infantil.

Tudo o que eu tinha era uma sala de nove metros quadrados (3mx3m), uma mesa artesanal (era uma porta do Centro de Zoonoses que não estava sendo usada sobre dois cavaletes que também estavam sem uso), e no mais... sentávamos em dois grandes bancos improvisados; algumas folhas de papel ofício, umas duas dúzias de lápis de cor, e muita disposição.

Relato de experiência:

Trabalhei alguns meses praticamente só; até que um adolescente resolveu conversar comigo. Ele me perguntou: “o que você de fato está fazendo aqui?” Lhe falei da possibilidade de se criar ali, no lixão um Projeto que poderia mudar a realidade deles. Ele me fez mais duas perguntas: Posso confiar em você? Você não veio só para fazer pesquisa? Respondi que ele poderia confiar em mim, eu pretendia mudar aquela realidade. Ele me disse: “pode contar comigo, vou te ajudar”. Daí pra frente Rafael passou a trazer às crianças de dentro do lixão para a garagem do Centro de Zoonoses.



Criamos atividades esportivas.

Futebol, Vôlei, Queimado e Recreação. Ah! Rafael, trouxe também Marilene, uma jovem catadora, mãe de cinco filhos cuja a mais nova ainda era amamentada no peito. Eles trabalhavam no lixão das vinte duas horas às cinco da manhã, dormiam até às dez horas quando nos encontrávamos. Optamos por criar uma aula de danças, e o aparelho de som era também de um catador, o irmão de Marilene (Dinélio). Tudo deu certo. Às crianças chegavam aos montes, eu era a única pessoa adulta que eles tinham a disposição. “Nasceu ali um Projeto mais amplo”. Os responsáveis pela Secretaria não acreditavam no que viam; em mais ou menos quatro meses eles tiveram que providenciar uma equipe, o Projeto realmente tinha dado certo.



Recebemos uma equipe de mais cinco pessoas.

A procura pelas atividades super simples, foi tão grande, que surgiu uma outra possibilidade. Um espaço maior, e mais apropriado, onde pudéssemos criar um Projeto de fato. Nasceu neste momento o sonho que tempos depois se realizou: “O Centro de Cidadania Chico Mendes”. Houve períodos de atendermos trezentas crianças. O trabalho ganhou credibilidade e parceiros como: os Médicos de Família, a Diretora da Escola Municipal, Unicef, Conselho Tutelar, etc.. Mais de duzentas certidões de nascimento foram providenciadas. Essas duzentas crianças, ainda não haviam nascido para a nação. Com o documento em mãos, elas poderiam frequentar a Escola.





Nasce uma nova realidade.





Às crianças passaram a frequentar o Projeto, a Escola, e o Posto Médico; e por estar tudo organizado muito estruturado, o responsável pela Secretaria conseguiu com o Governo Federal o PETI. Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Cada família recebia por até três crianças o valor de 210,00 (70,00 por criança). O Morro viveu momentos como antes nunca tinham vivido. ONGS nos visitavam e conosco aprendiam, como o respeito, o carinho e o amor de um ser humano para com o outro ser humano, pode mudar uma realidade tão desumana.

Recebemos de uma ONG espanhola “Promenor”, cinco bolsas de estudo para que cinco jovens pudessem fazer um curso superior. Nos sentamos (os que poderiam usá-las), e decidimos os que iriam para as faculdades. Os escolhidos foram: Rafael, Angélica, Joyce, Ana Flávia, Thaís. Dos cinco, só Rafael concluiu a faculdade de Educação Física. Todos os outros encontraram muitas dificuldades, e desistiram do sonho ao longo da caminhada. Mas... Aqueles momentos foram tão significativos, que até as perdas foram ganhos. É o que ouço ainda hoje quando os encontro. Uns trabalhando com o lixo, e não no lixo; são funcionários da CLIN (empresa de limpeza). Outros no comércio, indústrias, empresas privadas, etc.. E até no aeroporto, encontrei a Joyce trabalhando. Que felicidade!

Durante os anos que estive a frente do Projeto que começou com o nome: Pelo Direito de Ser Feliz (eles não gostavam dizer que trabalhavam no lixão), nos foi autorizado por eles trocar o nome para Criança no Lixo Nunca Mais (que era o nome do projeto inicial). Uma psicóloga trabalhou neles a honra de ter saído de uma realidade para outra. Os fazendo entender que o trabalho sempre é nobre, mesmo quando chega antes da hora e em um espaço insalubre. O tempo passou; o Projeto cresceu

muito! Infelizmente resolveram que eu deveria ir para um outro setor na Secretaria. Mesmo não concordando obedeci (o Projeto não era meu). Com a minha saída, alguns foram parando de frequentar o Projeto e migraram para o tráfico que era a grande opção fora do Projeto; pelo menos uns seis, morreram assassinados. Mesmo a distância esta realidade me doeu muito. Mas, não podemos negar que o saldo foi bastante positivo. Hoje eles moram melhor, trabalham com dignidade e são respeitados por quem conviveu, e ainda convive com eles.

Comecei este Relatório com uma frase de Antoine de Saint-Exupéri que usei quando me perguntaram na minha saída do Projeto; por quê eu amava tanto aquelas crianças? E eu respondi com as palavras de Exupéry: *“Porque tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”*. Na verdade, nunca nos separamos. Eu nunca saí deles, e eles jamais sairão de mim. Talvez eles tenham sido a minha superação. Ou melhor; eu creio ter aprendido com eles que fica mais fácil colocar qualquer profissão em prática se tentarmos “amar o próximo como a nós mesmos”. Eles me ensinaram a amar mais ainda a minha profissão, e a perceber, que tudo vale apenas por uma causa justa. A Educação. Obs: Eu encontrei no Projeto uma menina que se chama Marcelle; o mesmo nome da minha filha; ficava sempre agarradinha comigo, hoje ela é uma linda mulher.

**Obs: Esta menina que aparece na terceira foto jogando capoeira é a Marcelle*.*

**Agora o Tchou das crianças*.*

Referência:

Saint-Exupéry, Antoine de. O PEQUENO PRINCÍPE.